

Schopenhauer e a sabedoria “para a vida no mundo”

Schopenhauer and the wisdom “for the life in the world”

Eli Berto Dambros

Mestrando em Filosofia pela PUCPR
Professor da rede pública do Estado do Paraná
E-mail: ebdeli@hotmail.com

Resumo: Atualmente, diversas discussões sobre o pensamento de Schopenhauer têm se voltado para novas interpretações de sua filosofia. Esses estudos tomam um rumo diferente das conclusões extremamente pessimistas de seu modelo ético-metafísico, emergentes de sua obra principal, *O mundo como vontade e representação*. Essas discussões se dirigem para uma nova esfera de reflexões sobre a vida prática, isto é, sobre o que poderíamos chamar de uma filosofia prática para a vida do indivíduo no mundo.

Palavras-chave: Sabedoria; Caráter; Eudemonologia.

Abstract: Currently, several discussions about the thought of Schopenhauer have turned to new interpretations of his philosophy. These studies take another course distancing from the extremely pessimistic conclusions of his ethical-metaphysical model emerging from his main work: *The World as Will and Representation*. These discussions are now heading into a new sphere of reflections about practical life, about what we might call a practical philosophy for the life of the individual in the world.

Keywords: Wisdom; Character; Eudemonology.

Este trabalho tem como propósito analisar, em Schopenhauer, a filosofia para a vida do indivíduo no mundo situada em torno do significado da própria vida e do nosso valor enquanto seres mundanos. Numa parte significativa do *corpus* schopenhaueriano – em especial em *Aforismos para a sabedoria de vida* – há uma reflexão quanto à valorização da “personalidade no sentido mais amplo”¹. Schopenhauer se detém naquilo que somos, desviando-se² em partes do pensamento de sua obra capital – *O mundo como vontade e representação* – principalmente do conteúdo do Livro IV em que temos uma consolidação de seu pensamento ético-metafísico. A reflexão sobre a arte de viver, ou mesmo as condições da felicidade, parecem não ter lugar em um sistema cujo centro, a metafísica pessimista da vontade, engloba a renúncia e a negação do indivíduo.

¹ SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 3.

² Não será um desvio total de sua metafísica. Cf. nota 9.

Como pessoa comum, Schopenhauer pode até ser considerado um misantropo³ que observava na humanidade apenas a negatividade da vida, daí o seu pessimismo metafísico. No entanto, como filósofo ele alargou o seu pensamento em direção a uma *práxis*. Sobre isso Weissmann observa: “Apesar de todo o seu pessimismo, é lícito falar-se no otimismo de Schopenhauer”⁴.

Se o mundo é constituído de sofrimento e de dor (*Alles Leben ist Leiden*), mesmo assim seria importante a ação do indivíduo em vista de uma certa suspensão desses dois sentimentos por uma das vias sugeridas por Schopenhauer – a ética-metafísica ou através da filosofia para o mundo⁵. A partir dessa segunda via Schopenhauer edifica sua *práxis otimista*⁶. Mais tarde, no contexto geral da obra de Schopenhauer, Nietzsche irá criticá-lo como um filósofo da redenção e da fraqueza. A indagação nietzschiana partirá de como pode ser pessimista um ser que tocava flauta e dizia ‘sim’ à moral?⁷

³ Na introdução do livro *A arte de conhecer a si mesmo*, Franco Volpi aborda os vários problemas de relacionamento entre Arthur Schopenhauer com outras pessoas, incluindo sua mãe e Hegel, Volpi discorre; “[...] e vários outros ‘*alimenta misantropie*’ que justificam a sua visão pessimista da vida”. Cf. VOLPI, F. Introdução. In: SCHOPENHAUER, A. *A arte de conhecer a si mesmo*, p. X.

⁴ WEISSMANN, K. *Vida de Schopenhauer*, p. 145.

⁵ A primeira via seria alcançável apenas por santos e ascetas. Para a segunda via, estariam destinados os indivíduos comuns. Cf. BARBOZA, J. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. In: *Revista AdVerbum* 3(2), pp. 119-124, Ago. a Dez. de 2008.

⁶ Jair Barboza interpreta este percurso, em oposição ao pessimismo metafísico, como “*otimismo prático*”. O pensamento de Schopenhauer balança como um pêndulo indo de um pessimismo metafísico a um “otimismo prático”. Cf. BARBOZA, J. Em favor de uma boa qualidade de vida. In: SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. XIII. Já Jorge Luiz Viesenteiner no artigo ‘*Prudentia*’ e o uso prático da razão em Schopenhauer, afirma que: “[...] no texto dos Aforismos, Schopenhauer também executa a trajetória que vai de um “ponto de vista superior, ético-metafísico”, típico do pessimismo de O mundo, para aquilo que denominamos de ‘*grande pessimismo*’ (grifo meu), i.é., uma “acomodação” na vida que faz o autor se distanciar de um pessimismo absoluto, para vislumbrar as possibilidades de ‘viver menos infeliz’. Cf. VIESENTEINER, J. L. ‘*Prudentia*’ e o uso prático da razão em Schopenhauer. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, Vol. 3, Números 1 e 2, pp.1-17. Vilmar Debona, em recente tese de doutorado denominou essa “oposição” de “pessimismo pragmático”. Ele afirma: “A este horizonte empírico-eudemonológico da filosofia schopenhaueriana denomino, aqui, de **pessimismo pragmático** (negrito na fonte), principalmente em vista de diferenciá-lo do pessimismo metafísico que, em geral, diria respeito à consideração dos “extremos” da vida e da ação humana”. Cf. DEBONA, V. *A outra face do pessimismo: entre a radicalidade ascética e a sabedoria de vida*. pp. 195-196.

⁷ Encontramos a crítica de Nietzsche a Schopenhauer em seu escrito *Para além do bem e mal* em que afirma: “[...] que se lembre que Schopenhauer, embora pessimista, propriamente — tocava flauta. . . diariamente, à sobremesa: leia-se, sobre isso, seus biógrafos. E, perguntado de passagem: um pessimista, um negador de Deus e do mundo, que diante da moral se detém — que à moral diz sim e toca flauta, à moral do *laede neminem*: como? É isso — um pessimista?” NIETZSCHE, F. W. *Obras incompletas*. Para além de bem e mal: para a história natural da moral § 186. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974, pp. 287-288.

Nos *Aforismos para a sabedoria de vida*, Schopenhauer faz uma reflexão sobre a arte de ser feliz. Ele apresenta um tratado de eudemonologia no qual afirma ser as parêneses e máximas: “Um suplemento nesse imenso campo já por outros trabalhado”⁸. O texto apresentado pelo filósofo se constitui num debate aberto que agrada a muitos, justamente pela sua simplicidade enquanto escrita, mas também por dialogar com toda uma tradição filosófica.

Schopenhauer especifica - e isso é muito importante para entender o desenvolvimento de seu pensamento voltado à sabedoria prática: “Não obstante, para poder abordar o tema, tive de desviar-me totalmente do ponto de vista superior, ético-metafísico, ao qual conduz a minha filosofia propriamente dita”⁹. Ele deixa de lado, por um período, o fundamento metafísico, a redenção do mundo. Isso não significa dizer que Schopenhauer passa a negar o fundamento metafísico de sua filosofia, mas sim que ele parte de outro ponto de vista¹⁰, o da *práxis*.

No entanto, é importante e válida a pergunta: em que medida se pode falar de um deslocamento de perspectiva – de uma sabedoria prática – em Schopenhauer, em relação ao pessimismo radical de *O mundo como vontade e como representação*? Pode-se, assim, afirmar que houve uma inflexão para uma *práxis* otimista, típica de uma sabedoria de vida nos *Aforismos para a sabedoria de vida*?

Os *Aforismos para a sabedoria de vida* corresponderiam a uma mudança na abordagem filosófica de Schopenhauer em relação a um conceito específico, o de caráter, em vista da abordagem de uma terceira forma – ou terceira via – da tal noção que surge muito antes de sua obra magna¹¹, nos seus manuscritos póstumos, em especial, nos *Manuscritos berlinenses*. O texto dos *Aforismos para a sabedoria de vida* pode representar a transição da metafísica da vontade – permeada por uma atitude pessimista e de renúncia alcançada por meio da dor ou do conhecimento – em direção a um meio termo entre a resignação e a busca por uma configuração para o próprio

⁸ SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 139.

⁹ *Ibid.*, pp. 1-2.

¹⁰ Nos *Aforismos* observamos: “[...] toda a discussão aqui conduzida baseia-se, de certo modo, numa acomodação, já que permanece presa ao ponto de vista comum, empírico, cujo erro conserva”. *Ibid.*, p. 2.

¹¹ A obra principal, segundo o próprio Schopenhauer, *O mundo Como Vontade e Representação*, é escrito em 1818 (1819). Porém, asserções sobre a Sabedoria de Vida já são encontradas em escritos anteriores, como nos *Manuscritos de Juventude 1804-1818 e Manuscritos Berlinenses 1818-1830*.

caráter¹², uma espécie de acomodação que se distancia do todo metafísico, mesmo que não o abandone¹³. Para Debona: “[...] o que está em jogo é o emprego de uma razão capaz de indicar máximas para uma ‘sabedoria de vida’, domínio em que se possibilita também a chegada a um ‘caráter adquirido’”¹⁴.

Para Schopenhauer, a felicidade pertence ao destino e não ao indivíduo. Aquele indivíduo que observa o contrário, isto é, a felicidade como pertencente a ele, está fadado ao fracasso ou, ainda pior, está condenado à amargura. Vejamos o que o filósofo nos diz: “Aparecemos no mundo cheios de expectativas de felicidade e prazer, nutrindo a esperança desvairada de concretizá-las. [...] logo chega o destino, [...], ensinando-nos que nada é *nosso* mas tudo *seu*”¹⁵. Uma face deste resultado é a felicidade como ausência da dor; a outra é ver que nada, nenhum bem que ofereça felicidade positiva, vale a pena sequer uma única lágrima. Aqueles que assim o fazem por não atingi-la oferecem à vida honras que ela não merece.

Schopenhauer, em *O mundo como vontade e representação*, concebe a vida do indivíduo como um pêndulo que oscila entre a dor e o tédio, o desejo e sua realização temporária. Ele nos diz: “Sua vida, portanto, oscila como um pêndulo, para aqui e acolá, entre a dor e o tédio, os quais em realidade são seus componentes básicos”¹⁶. A vida é, nesse sentido, uma ilusão que finda em desilusão, um desengano que acaba em desapontamento, um maravilhar-se que termina em decepção. Na aurora da vida a felicidade parece ser eterna, já no poente, a vida se mostra extremamente cruel e mostra uma felicidade efêmera. Logo, como conciliar isso com a referida *práxis* otimista schopenhaueriana?

Em *O mundo como vontade e representação*, Schopenhauer, indiretamente, enfatiza que apenas os santos e os ascetas conseguem chegar à negação da vontade¹⁷. Para a grande maioria das pessoas comuns restaria buscar uma via alternativa para superar esse mundo de sofrimento e de dor. Observa Barboza que, segundo

¹² Debona observa que: “Em primeira instância, o que podemos entender por caráter adquirido é essencialmente que ele consiste numa mediação entre o caráter inteligível e o caráter empírico; pode ser tomado como meio-termo entre liberdade e necessidade”. DEBONA, V. *Schopenhauer e as formas da razão*, p. 67.

¹³ Cf. notas 8 e 9.

¹⁴ DEBONA. *op. cit.*, p. 48.

¹⁵ SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 144.

¹⁶ SCHOPENHAUER, A. *MVRI*, p. 402.

¹⁷ Cf. o livro IV de o *MVRI*.

Schopenhauer, “[...] resta, pois, aos comuns mortais adquirir a arte de evitar a procura de prazeres em demasia, controlando com prudência a cegueira dos desejos”¹⁸.

O mundo é o pior possível e, caso nos detenhamos nessa afirmação, somos covardes fugitivos de uma vida menos infeliz. De acordo com Brum, os *Aforismos para a sabedoria de vida* teriam o papel de amenizar essa visão do pior mundo possível. Para ele a proposta desse escrito versaria sobre “uma espécie de **sabedoria teatral**, ou seja, sabemos que a vida é sofrimento e dor [...]”¹⁹, por isso há de se fazer com que a vida valha a pena ser vivida.

Assim, no Schopenhauer de *O mundo como vontade e representação*, há um impulso da tese de que o mundo é o pior possível, por isso muitos o declararam como pessimista absoluto. Nos *Parerga e Paralipomena* ele se aproxima de uma reflexão mais madura; o mundo é o pior possível, porém, pode-se viver neste mundo e é preciso que o indivíduo domine, como Perseu, o cavalo alado que é o sofrimento. Para isso, no entanto, o sujeito precisa querer viver. De acordo com Chevitarese: “[...] talvez esta seja a principal característica da proposta de *Aforismos para a sabedoria da vida*: articular uma visão de mundo pessimista com uma prática de vida eudemonológica”²⁰.

Diante disso, torna-se possível afirmar que Schopenhauer não é mesmo um pessimista absoluto, pois no pior mundo possível procura encontrar o melhor mundo suportável, isto é, uma vida menos infeliz. Em vista disso, ele nos afirma: “Por ‘viver feliz’ deve-se entender ‘viver menos infeliz’, ou seja, de modo suportável. Decerto, a vida não está aí para ser gozada, mas para ser vencida e superada”²¹.

Para o filósofo alemão, o indivíduo precisa saber o que quer e o que pode: “[...] mas um homem precisa SABER o que quer, e SABER o que pode fazer”²². Além do caráter inteligível e de sua expressão no fenômeno, que é o caráter empírico, o indivíduo teria, segundo ele, uma terceira forma de caráter, que mostra ao indivíduo quem ele é. Assim afirma Schopenhauer:

¹⁸ BARBOZA, J. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. In: *Revista AdVerbum* 3(2), pp. 122.

¹⁹ BRUM, J. T. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*, p. 51. (Negrito no original)

²⁰ CHEVITARESE, L. Schopenhauer e os Cínicos: elementos do cinismo na eudemonologia de Schopenhauer. In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, pp. 20-29.

²¹ SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 141.

²² SCHOPENHAUER, A. MVRI, p. 392.

Ao lado do caráter inteligível e do empírico, deve-se ainda mencionar um terceiro, diferente dos dois anteriores, a saber, o CARÁTER ADQUIRIDO, o qual se obtém na vida pelo comércio com o mundo e ao qual é feita referência quando se elogia uma pessoa por ter caráter, ou se a censura por não o ter²³.

Em Schopenhauer, o caráter adquirido se constrói no curso da vida “pelo comércio com o mundo”²⁴. A experiência, principalmente os empuxos desfavoráveis, é a responsável por nos ensinar as possibilidades daquilo que se quer com aquilo que se pode ter ou ser.

Volpi, na Introdução de *A arte de conhecer a si mesmo*, afirma: “Daí se origina a convicção schopenhaueriana de que a filosofia não é apenas conhecimento teórico do ser, mas também *sabedoria prática de vida*”²⁵. Uma vez que aprendemos isso, possuímos o caráter adquirido, que não é outra coisa senão um conhecimento mais refinado daquilo que nós mesmos somos.

Nada é tão absurdo como querer ser outra coisa senão o que se é, ou, em outras palavras, por a própria vontade em contradição. Imitar os outros seria revelar que não temos valor próprio. Se soubermos quais são as quantidades e as qualidades de nossos recursos, poderemos aplicá-las da melhor forma evitando, assim, o sofrimento.

Quando se conhece a fundo essas faculdades, organizamos a vida de acordo com o caráter adquirido, renunciando àquilo que não é possível alcançar, estando em paz conosco mesmos e nos livrando da dor mais acre, isto é, a impotência que abate o espírito favorecendo o ressentimento. A felicidade, para Schopenhauer, não significa viver sem sofrer, mas saber controlar-se, adaptar-se. De outro modo, pensar que existimos para sermos felizes (em sentido positivo) é um erro inato fundamental, conforme afirma o pensador:

Há apenas um erro inato, o de acreditar que nós existimos para sermos felizes. É inato em nós, porque coincide com a nossa própria existência, e todo o nosso ser outro não é que a sua paráfrase, assim como o nosso corpo, seu monograma: outra coisa não somos que a própria vontade de viver, a satisfação posterior de todo nosso querer é, então, o que entendemos com o conceito de felicidade. Enquanto persistimos neste erro inato, apoiando-nos ainda em dogmas otimistas,

²³ Ibid., p. 391.

²⁴ Ibid..

²⁵ VOLPI, F. Introdução. In. SCHOPENHAUER, A. *A arte de conhecer a si mesmo*, p. X. Grifo meu.

o mundo nos parece cheio de contradições. Pois a cada passo, no grande como no pequeno, devemos experimentar que o mundo e a vida não são feitos para proporcionar uma existência feliz²⁶.

A felicidade, em Schopenhauer, não é um estado pleno de ausência de dor e sofrimento, mas um nível de supressão máxima dessas duas forças. Para ele, “tem sorte mais feliz quem leva sua vida sem dores excessivas”²⁷. Segundo o filósofo, vida é sinônimo de sofrimento, dor domesticada e não prazer. Não será sentindo prazer que se conseguirá alcançar um grau de *ataraxia*, mas negando tal prazer. Assegura nosso pensador:

Pois é absurdo supor que a dor infinita, que se origina da miséria essencial à vida e da qual o mundo está repleto, seja sem propósito e puramente contingente. Nossa receptividade para a dor é quase infinita, já para o prazer possui limites estreitos²⁸.

Viver menos infeliz significaria, para Schopenhauer, jogar xadrez com a morte²⁹ sabendo que ela sempre irá ganhar, porém, não desistindo da honra de ser o perdedor inconformado, que assim como um herói aceitaria a derrota como algo inerente à vida. Somente chega a essa fase aquele que consegue ser verdadeiramente pessimista, isto é, aquele que enfrenta o sofrimento como a morte no jogo de xadrez³⁰.

Nesse termos, o pessimismo schopenhaueriano não deixa de ter como objetivo alcançar a realização da existência humana, do próprio eu como eu através da superação do sofrimento no ato da vontade de vida. Se o que enche de dor a vida, a existência do eu, é a vontade de vida, então o sujeito precisa negar essa vontade e afastar-se ao máximo, dessa forma, do cenário doloroso que nos é imposto. Essa negação também torna-se possível, em partes, por meio da sabedoria da vida. Afastando-se dos infortúnios da vida, seria possível alcançar a felicidade a que se refere Schopenhauer. A

²⁶ Cf. SCHOPENHAUER, A. *Il mondo come volontà e rappresentazione I e II*, p. 1749.

²⁷ SCHOPENHAUER, A. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 142.

²⁸ SCHOPENHAUER, A. *Sobre a ética*, p. 147.

²⁹ Esta não é uma afirmação de Schopenhauer, mas uma aproximação minha para explicar que para o filósofo não há como escapar do curso da vida. Uma boa análise dessa investida do sujeito contra a morte pode ser vista no filme *O sétimo selo* (*The Seventh Seal*, Suécia, 1957) de Ingmar Bergman.

³⁰ Cf. nota 18. No instante em que o indivíduo vence e supera a vida ele adquire a ‘*prudentia*’ a ‘*ataraxia*’.

chave para o nosso bem-estar estaria concentrado em nós mesmos. Isto resulta de nosso querer, de nossos sentimentos e também do nosso pensar.

Schopenhauer conclui que todas as coisas existentes exterior a nós provocam efeitos indiretos e de menor importância para o nosso interior³¹. A nossa personalidade, no entanto, é sempre ativa e ninguém poderá destruí-la, exceto o tempo que, inevitavelmente, acaba aniquilando muitas das suas características, porém, não mudando o caráter moral³².

A composição ideal para a felicidade, de acordo com Schopenhauer, consistiria em conservar algumas qualidades subjetivas, tais como: “[...] um caráter nobre, uma mente capaz, um temperamento feliz, um ânimo jovial e um corpo saudável [...] são o que há de primário e mais importante para a nossa felicidade.”³³

Para fazer isso, primeiramente precisamos saber o que queremos e o que podemos, agindo de acordo com os resultados daí obtidos. A seguir, buscar apenas as aspirações que nos capacitem para essas aspirações, ou seja, talhar em nós mesmos o caráter adquirido, como se fosse uma segunda natureza autoconsciente e, portanto, mais em consonância com o que paradoxalmente somos.

Ao chegar a esse grau de autoconhecimento nós atingimos a consciência daquilo que é a nossa própria essência, isto é, aquilo que somos e temos em nós mesmos, deparando-nos com a própria personalidade que poderá nos conduzir a uma vida menos infeliz. Escreve Schopenhauer: “O que alguém é e tem em si mesmo, ou seja, a personalidade e o seu valor, são os únicos contributos imediatos para a sua felicidade e para o seu bem-estar”³⁴.

Outro aspecto importante nessa trajetória schopenhaueriana é a negação do corpo. O prazer do corpo jamais termina, as paixões atacam como ácido corrosivo. “Nossa vida prática, real, quando as paixões não a movimentam, é tediosa e sem sabor; mas quando a movimentam, logo se torna dolorosa”³⁵. Ele é transitório e deixa algum insucesso, exigindo que se assalte outra vez para saciá-lo. Dessa maneira, estabelece-se um ciclo vicioso no qual a disposição caminha em direção à dependência. Tal circuito,

³¹ Cf. SCHOPENHAUER. *Aforismos para a sabedoria de vida*, p. 4.

³² *Ibid.*, p. 10.

³³ *Ibid.*, p. 16.

³⁴ *Ibid.*, p. 15.

³⁵ *Ibid.*, p. 39.

ao invés de ser fonte inesgotável de prazer, transforma-se em fonte de sofrimento pela dependência do vício e tornando-se necessário sacrificar esses prazeres para se chegar ao eu em si mesmo. Diz-nos Schopenhauer: “Lucra-se ao sacrificar prazeres com o intuito de escapar às dores”³⁶.

Para Schopenhauer, o único prazer duradouro é o da alma: “Pois os deleites mais elevados, mais variados e mais duradouros são os espirituais”³⁷. Enquanto o prazer do corpo necessita frequentemente de objetos externos para se saciar, o prazer da alma surge nela mesma sem a necessidade de se apoderar ou de extinguir o objeto que lhe proporciona prazer. A fruição ascética lhe é suficiente. É nessa acepção que a *práxis* otimista em Schopenhauer caminha para o exercício da *ataraxia*, isto é, a ausência de perturbações na alma. A partir desse postulado é possível compreender o valor de um conhecimento apurado de si e do mundo.

Se não conhecermos o bastante, não abdicarmos dos prazeres para uma existência às claras, não conseguiremos viver suportavelmente com o mundo e conosco mesmos enquanto reconhecidos como parte desse mundo, conclui Schopenhauer. Para ele: “Só depois de o homem ter abdicado de todas as pretensões possíveis e de ter ficado reduzido à existência nua e crua é que se tornará partícipe daquela tranquilidade espiritual que constitui o fundamento da felicidade humana”³⁸. Querer viver em oposição ao mundo é uma das principais fontes de sofrimento, o que influencia diretamente na busca de uma vida menos infeliz.

Compreende-se, dessa forma, o valor das atividades do espírito, das práticas de si, para estabelecer a si mesmo sujeito autossuficiente nesse vasto universo que nos cerca. Ao nos conhecermos e ao realizarmos estas atividades espirituais, surge uma profunda autonomia. Tornamo-nos o que somos, cultivamos a capacidade de condução e administração de nosso próprio eu corretamente em todas as instâncias da vida. Esse, talvez, seja o significado mais intenso da superação da tensão entre a dimensão metafísica e a dimensão prática da filosofia schopenhaueriana.

Para concluir, resta-nos afirmar que o caráter adquirido, para Schopenhauer, como autoconhecimento completo a partir das próprias experiências e ações de cada

³⁶ Ibid., p. 142.

³⁷ Ibid., p. 7.

³⁸ Ibid., p. 156.

indivíduo, consiste no melhor meio para superar o descontentamento consigo mesmo³⁹. Porém, ele não é um imperativo categórico no qual o conhecer a si mesmo torna-se um dever. De certa forma, podemos entender que o conhecimento obtido pelo ser humano sobre si mesmo, na medida do possível, conduz a uma filosofia da *reserva*. Conhecer-se é, no fundo, exprimir reservas sobre si mesmo. A partir daí podemos esperar o surgimento de uma certa ponderação na ação do ser humano⁴⁰.

Referências bibliográficas

ALONSO, Juan David Mateu. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*. (Tese de doutorado). Universidad de Valencia, Valência, 2012.

BARBOZA, Jair. Uma terapia para ser menos infeliz no inferno: sabedoria de vida e prudência em Schopenhauer. In: *Revista AdVerbum* 3(2) Ago a Dez de 2008: pp. 119-124.

CACCIOLA, M. L. M. e O. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: Edusp, 1994.

BRUM, José Thomaz. *O pessimismo e suas vontades: Schopenhauer e Nietzsche*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CARTWRIGHT, David E. *Schopenhauer: a biography*. New York: Cambridge University press, 2010.

CHEVITARESE, Leandro. Schopenhauer e os Cínicos: elementos do cinismo na eudemonologia de Schopenhauer. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, nº 1 e nº 2, pp. 20-29, 1º e 2º semestres de 2012.

DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer e as formas da razão*. São Paulo: Annablume, 2010.

_____. *A outra face do pessimismo: entre radicalidade ascética e sabedoria de vida*. (Tese de Doutorado), Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

PHILONENKO, Alexis. *Schopenhauer: una filosofía de la tragedia*. Trad. Gemma Muñoz-Alonso. Barcelona: Anthropos, 1989.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de conhecer a si mesmo*. Org. de Franco Volpi; trad. Jair Barboza e Silvana Cabucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2009a.

_____. *Aforismos para a sabedoria da vida*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

³⁹ Cf. ALONSO, J. D. M. *La filosofía política y su trasfondo ontológico en la obra de Arthur Schopenhauer*, p. 157.

⁴⁰ Cf. PHILONENKO, A. *Schopenhauer. Una filosofía de la tragedia*, p. 279.

Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer - Vol. 5, Nº 1 - 1º semestre de 2014 - ISSN: 2179-3786 - pp. 143-153.

_____. *Il mondo come volontà e rappresentazione I e II*. A cura di Sossio Giametta. Milano: Bur Rizzoli, 2002.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.

_____. *Sobre a Ética*. Trad. Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: Hedra, 2012.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. 'Prudentia' e o uso prático da razão em Schopenhauer. In: *Revista Voluntas: Estudos sobre Schopenhauer* - Vol. 3, nº.1 e nº 2, pp. 1-17, 1º e 2º semestres de 2012.

WEISSMANN, Karl. *Vida de Schopenhauer*. Belo Horizonte: Livraria Cultura Brasileira Ltda., 1945.

Recebido: 11/09/14

Received: 09/11/14

Aprovado: 07/11/14

Approved: 11/07/14